

DISPUTAS PARTIDÁRIAS

Passarinho preocupado com a votação do relatório.

As brigas internas e partidárias na CPI do Orçamento chegaram a um ponto em que o presidente, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), já teme pelo êxito da votação do relatório final. O relator, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), pressionado pelo deputado Fernando Lyra, do PDT pernambucano, renunciou à relatoria do caso do deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE). Lyra pôs Magalhães sob suspeição e disse que só acreditaria que o relator é "macho" se ele sugerisse no relatório a cassação do ex-ministro.

"Tenho conseguido controlar as sessões até agora, mas temo o dia da votação do relatório final", disse Passarinho. Ele está indignado com o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). No sábado, Vivaldo "invadiu" a sala onde era tomado o depoimento do governador de Sergipe, João Alves Filho (PFL). Houve muito bate-boca e, após duas horas de discussão, Vivaldo foi aceito na sala. O PFL acusou Vivaldo de estar a mando do prefeito de Aracaju, Jackson Barreto, do PDT, inimigo político do governador. "O deputado Vivaldo Barbosa nem é da comissão", disse Passarinho.

Magalhães irritou-se profundamente ao ser posto sob suspeição por Lyra, que é o segundo vice-presidente da Câmara. Ele disse que não poderia participar do relatório sobre Fiúza — de quem já afirmou publicamente que é amigo — por causa das afirmações de Lyra. Entregou o caso a Passarinho e este nomeou, para fazer um relatório parcial sobre Fiúza, o senador Élcio Álvares (PFL-ES).

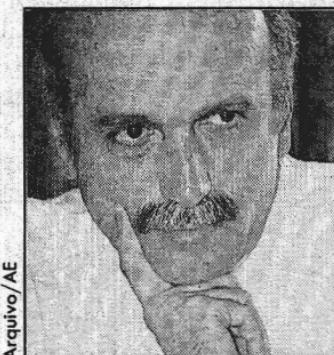
Álvares é do PFL, mesmo partido de Fiúza.

As brigas internas na CPI por causa das questões partidárias tiveram início logo depois que o PFL e o PPR, aliados, conseguiram destruir os dois principais líderes do PMDB — o ex-presidente da Câmara Ibsen Pinheiro (RS) e o então líder do partido Genivaldo Correia (BA). O deputado José Dirceu (PT-SP) procurou o PMDB e propôs uma aliança para atacar o PFL e o PPR, mas o partido ressentiu-se do golpe sofrido pelos dois líderes e ficou muito tempo na defensiva. Acabou sem articulação.

Após recuperar-se do golpe, numa das reuniões internas e secretas — que Passarinho chama de "reunião de trabalho" —, o deputado Roberto Rolleberg (PMDB-SP) disse: "Agora que o PFL já consegui ouvir todo mundo do PMDB, chegou a vez de entregar seus parlamentares ao sacrifício." A frase dele provocou muita briga. "As sessões públicas, transmitidas pela TV e assistidas pelos jornalistas, são tranquilas", disse Passarinho. "Mas as fechadas são um deus-nos-acuda."

As controvérsias acabaram prejudicando os trabalhos de investigação. Na semana passada, vários depoimentos foram tomados sem que as subcomissões preparassem os relatórios sobre movimentação bancária e variação patrimonial dos suspeitos. Sem ter provas, os integrantes da CPI não tinham o que perguntar. E as respostas eram sempre aceitas sem questionamento.

João Domingos e Elza Pires/AE



Vivaldo: bate-boca.

Arquivo/AE